

Representações da violência, da pobreza e da resistência cotidianas nos “Poemas da Colonização” de Oswald de Andrade

Representations of everyday violence, poverty and resistance on Oswald de Andrade’s “Poemas da Colonização”

Valdeci da Silva Cunha

Doutor em História

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

valdeci.cunha@gmail.com

Recebido em: 01/08/2022

Aprovado em: 20/11/2022

Resumo: Para este estudo, analisaremos a criação poética de Oswald de Andrade inserida no capítulo “Poemas da Colonização” do livro *Pau-Brasil*, publicado pela primeira vez no ano de 1925. Nesses poemas, procuraremos demonstrar a presença de uma narrativa centrada na representação da violência, da pobreza e das formas de resistência no cotidiano das relações entre os fazendeiros e a vida dos escravizados do Brasil colonial.

Palavras-chave: Oswald de Andrade; *Pau-Brasil*; Brasil colonial; Vida cotidiana

Abstract: In this paper, we propose to analyze the poetic creation of the writer Oswald de Andrade in *Pau Brasil*’s chapter entitled *Poemas da Colonização*, which was published for the first time in 1925. In those poems, we pretend to demonstrate the presence of a narrative centered on the representations of violence and poverty and the ways to resistance in the everyday life involving landlords and Colonial Brazil’s slaves.

Keywords: Oswald de Andrade; *Pau-Brasil*; Colonial Brazil; Everyday life

Introdução

“Aprendi com o meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta

A questão que aqui nos interessa mais de perto, e que será o nosso ponto de partida para este artigo, diz respeito às representações dos sujeitos “desclassificados”¹ ou de suas formas de (sobre)vivência mobilizados pelo discurso literário na constituição de sua tessitura narrativa. Para este estudo, analisaremos a criação poética de Oswald de Andrade inserida no capítulo “Poemas da Colonização” do livro *Pau-Brasil*, publicado pela primeira vez no ano de 1925. Nesses poemas, como procuraremos demonstrar nas páginas a seguir, encontraremos a presença de uma narrativa centrada na representação do cotidiano da vida em uma espacialidade temporal que retoma as relações entre os fazendeiros e os escravizados do Brasil colonial.

Em sua leitura e formas de narrar, o escritor transporta para as páginas a complexa ambientação que permeia o imaginário político e social sobre as formas e sentidos da colonização brasileira, ora retratando a violência do poder do Estado e os desmandos e arbitrariedades dos “senhores feudais”, ora construindo cenas de resistência às formas de mando, em uma tentativa de mostrar as possíveis ambivalências que as relações e contato dos negros com os brancos europeus assumiram naquele período.

Como estratégia comparativa, analisaremos também o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) na intenção de construirmos algumas pontes entre as propostas ali desenvolvidas e explicitadas e o seu resultado demonstrado nos poemas do livro anteriormente mencionado.

Em nossa leitura, procederemos segundo uma sugestão de Michel de Certeau que, em “A operação histórica”, afirmou que “o historiador não é mais um homem a constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Ele aí vem circular *em torno* de racionalizações adquiridas”. Nesse sentido, o historiador seria aquele que cada vez mais “trabalha nas margens”, tornando-se, assim, “um andarilho” (CERTEAU *in*, 1995, p. 35, grifo do autor). Ainda para Certeau, “numa sociedade favorecida pela generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, o historiador avança na direção das fronteiras das grandes regiões exploradas” (CERTEAU, 1995, p. 35).

¹ Aqui, fazemos alusão ao livro lançado na década de 1980, *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*, pela historiadora Laura de Mello e Souza, sobre o cotidiano vivido pela população na Minas colonial do século XVIII sendo importante ressaltar o impacto positivo que esse estudo promoveu nas investigações no campo da historiografia sobre o tema realizadas até então. Cf. SOUZA, 1982; FURTADO, 2009.

Como sugerido, ao procedermos a uma investigação como “andarilhos”, o que nos parece proposto é um deslocamento do trabalho do historiador tanto de sentido quanto de uso de fontes, muitas das vezes pouco convencionais ou mesmo inusitadas, a fim de localizar vestígios de outras possibilidades de acesso às representações do vivido em determinadas épocas. Acreditamos, portanto, que procurar por alguns vestígios nos poemas sobre as formas de representação da violência, da pobreza e da resistência sejam pertinentes para uma reflexão sobre o tema, ao mesmo tempo em que pode nos informar sobre as inserções de um escritor nos debates, desafios e configuração daquele presente vivido.²

De acordo com Sandra Pesavento, em seu artigo intitulado “História & Literatura: uma velha-nova história”, ao traçar um diálogo entre as principais questões e desafios colocados aos historiadores que se aventuram nos mares da literatura em suas pesquisas, o historiador

(...) se aproxima do real passado, recuperando com o seu texto que recolhe, cruza e compõe, evidências e provas, na busca da verdade *daquilo que foi um dia*. Mas sua tarefa é sempre a de representação daquela temporalidade passada. Ele também constrói uma possibilidade de acontecimento, num tempo onde não esteve presente e que ele reconfigura pela narrativa (PESAVENTO, 2006, p. 5).

Em nosso caso, nosso estudo se concentraria nas representações das representações de um dado passado, ao considerarmos que Oswald de Andrade, enquanto escritor, não teria experienciado diretamente as realidades que recria em seu fazer poético. Ao se valer do legado de uma cultura histórica e intelectual, o escritor teria transportado, às vezes de forma mítica, outras criticamente, o passado do Brasil colonial e escravista para o centro de sua poesia. Nesse sentido, acreditamos que reler sua poesia hoje também seja uma forma, como nos disse Pesavento, de construir “uma possibilidade de acontecimento”, de um tempo em que nem nós nem ele “estiveram presentes” e que podemos tentar reconfigurar pela narrativa.

Outra pesquisadora que nos auxilia nessa empreitada é Maria Stela Brescianni. Ao investigar o fenômeno da multidão, na trilha de estudos como os feitos por Hannah Arendt, em *Sobre a revolução*, ou por Walter Benjamin, em *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, o primeiro momento de

² Em sua tese intitulada *Versar a liberdade, desconstruir a monarquia: representações políticas nos poemas da campanha republicana na imprensa da corte (1870-1889)*, Luiz Duarte Haele Arnaut chamou a atenção para a importância dos poemas que tiveram publicação e veiculação em jornais e periódicos na Corte, entre os anos de 1870 e 1889, como parte da campanha republicana no Brasil. Em sua investigação, o historiador nos mostra como esses poemas contribuíram para a desconstrução da legitimidade monárquica. Cf. ARNAUT, 2015.

sua pesquisa nos fala sobre uma “incursão às múltiplas imagens da sociedade elaboradas pelos homens do século XIX”. Em sua tarefa “exploratória de textos de literatos, uma grande surpresa: o espanto e a geral preocupação ante a *pobreza* que a multidão nas ruas revela de maneira insofismável”. Para a autora, essa experiência proporcionou-lhe “espanto, indignação, fascínio, medo: são reações diferenciadas apontando para estratégias de identificação bastante solidárias a uma intenção de controle dessa presença desconcertante” (BRESCIANNI, 1982, p. 9). Completa a historiadora que o resultado do “impacto desse acontecimento” estaria nas páginas do livro por ela escrito.

Neste estudo, inspirado nas constatações de Brescianni, poderíamos dizer que a nossa motivação tem uma relação, ao realizarmos outros estudos sobre a trajetória política de Oswald de Andrade, com a descoberta da sensibilidade manifestada pelo escritor por esse tema, que consideramos de grande importância para a história da formação do povo brasileiro. Vale ressaltar, rapidamente, que essa é a parte do livro *Pau-Brasil* em que a imagem de contato amistoso entre os negros e os portugueses aparece menos exaltada,³ tema extensamente abordado pelos estudos em ciências humanas no Brasil.⁴ Não obstante, ler esses poemas, hoje, a partir de considerações de cunho historiográfico, coloca-nos uma tarefa instigante no que diz respeito às possibilidades de iluminar, por outros focos, as formas de atuação, as escolhas feitas, as filiações políticas etc. de um escritor no quadro maior da história da cultura intelectual brasileira.

Breves notas sobre a atuação de Oswald de Andrade nas primeiras décadas do século XX

José Oswald de Sousa Andrade nasceu no ano de 1890 e faleceu no ano de 1954, em sua própria casa, devido a várias complicações de saúde.⁵ Seu nome foi escolhido em homenagem ao avô

³ Nessa série de poemas, nota-se a ausência dos indígenas na construção da tessitura poética de Oswald de Andrade. Contudo, os índios aparecem em outros momentos do livro como, por exemplo, na série intitulada “História do Brasil”, em que o escritor reescreve, a partir de uma estratégia de *bricolagem*, textos como a carta de Pero Vaz de Caminha.

⁴ No campo da historiografia brasileira, há vários estudiosos que analisaram as principais características e sentidos do nosso processo de formação política, social e cultural. Entendidos como “intérpretes do Brasil”, José Carlos Reis dedicou um estudo sobre os principais nomes, iniciando por Varnhagen, no ano de 1850, e finalizando com a produção de Fernando Henrique Cardoso, nos anos de 1960 e 70. Em suas análises, os autores são divididos em dois grandes grupos: aqueles que tiveram por feito o “descobrimto do Brasil” (Varnhagen e Gilberto Freyre) e os responsáveis pelo seu “redescobrimto” (Capristano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda, Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr., Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso). Cf. REIS, 2006.

⁵ Já em meados de 1916, Oswald descobriu que sofria de artrite. Não foram raros os momentos em que ele destinou algum tempo de repouso, para cuidar da saúde. Em 1938, por exemplo, passou uma longa temporada em São Pedro, cidade perto de Piracicaba, em tratamento.

paterno, o fazendeiro mineiro, Hipólito José de Andrade, ao tio materno, José Inglês de Sousa, e ao pai, José Oswald Nogueira de Andrade.

Sua mãe, Inês Henriqueta de Sousa Andrade, descendia de uma tradicional família burguesa, cujo tronco se ramificou na planície amazônica. Pelo lado paterno, Oswald foi descendente de um bandeirante paulista, o capitão-mor José Thomé Rodrigues Nogueira do Ó.

“Poeta, jornalista, romancista, teatrólogo, filósofo, marido por seis vezes, latifundiário, comunista, fervoroso cristão, ateu... consubstanciam-se”, nas palavras de Maria de Lourdes Eleutério, “em um exercício de persistência e coerência para com o ato de busca”. Segundo a autora, Oswald teria colocado sua vida e sua obra em função da experimentação. “Nesse homem, a busca por uma intensidade vivencial máxima extrapola a própria vida e fragmenta-se em escritos” (ELEUTÉRIO, 1989, p. 63).

Suas primeiras experiências como escritor iniciaram-se no ano de 1909, ao exercer a função de redator e crítico teatral do *Diário Popular*, onde assinava a coluna “Teatro e Salões”. Nesse mesmo ano, Oswald ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo e, em 1911, auxiliado pela ajuda financeira de sua mãe, D. Inês, fundou *O Pirralho*, cujo primeiro número foi lançado em 12 de agosto do mesmo ano (CHALMERS, 2013).

Politicamente, esse ano marcou uma das primeiras manifestações públicas de Oswald de Andrade. Nas páginas de *O Pirralho*, lançou e apoiou a campanha civilista de Rui Barbosa. Nesse mesmo ano, conheceu o poeta Emílio de Menezes, de quem se tornou amigo.⁶ “Oswald tinha o maior respeito pela figura de Emílio de Menezes. O epigramista fez vários amigos em São Paulo entre os estudantes da Faculdade de Direito, sobretudo com o pessoal ligado à revista *O Pirralho*” (BOAVENTURA, 1995, p. 48).

Nessa fase, também era companheiro de Pedro Rodrigues de Almeida, “jornalista da *Gazeta de Notícias* e, mais tarde, delegado de polícia no interior do Estado”, e de Guilherme de Almeida, amigo sempre presente na vida do escritor.⁷

⁶ Segundo Maria Eugenia Boaventura, Oswald teria se afastado de Emílio de Menezes (1866-1918) entre 1917 e sua morte, uma vez que estaria “[...] cansado das atitudes moralistas do velho parnasiano, mas quando o poeta morreu, [Oswald] assinou o manifesto de desagravo à sua memória, que circulou em São Paulo” (BOAVENTURA, 1995, p. 48).

⁷ Ao lado desses, podemos também elencar os nomes de Amadeu Amaral, Vicente Rao, Júlio de Mesquita filho, Dolor de Brito Franco (diretor de *O Pirralho*), Antônio Define, Edmundo Amaral, Olegário Mariano, Alberto de Oliveira, Luís Edmundo, José Oiticica, entre outros.

Oswald fez várias viagens à Europa. Nos sete meses passados fora do Brasil, a bordo do *Marta Washington*, iniciados em 1912, visitou vários países da Europa Ocidental, onde “demorou mais em Paris e em Londres, desobedecendo às ordens da mãe, para que se hospedasse em bons hotéis” (BOAVENTURA, 1995, p. 32). Essa experiência foi marcada, entretanto, por um evento trágico. Quando ainda estava na Europa, faleceu sua mãe, em São Paulo, em setembro desse mesmo ano. Esse fato o obrigou a voltar para o Brasil, antecipando o final de sua viagem. Nesse retorno, trouxe a bordo do navio *Oceania* a estudante francesa Kamiá (Henriette Denise Boufflers), com quem teria um filho em 1914, José Oswald Antônio de Andrade (o artista plástico Oswald de Andrade Filho).

Segundo Boaventura,

(...) passado o luto da mãe e perdido o interesse por Henriette Denise Boufflers, Kamiá [...], que trouxera da Europa em 1912, [Oswald] passou a viver, pelo menos até 1917, uma vida boêmia, usufruindo da movimentada noite paulistana. Ao lado do poeta Guilherme de Almeida e do jornalista Pedro Rodrigues de Almeida [...] formava um trio quase indissolúvel, a perambular sem pressa pelos variados recantos da cidade, recitando os franceses e discutindo filosofia (BOAVENTURA, 1995, p. 30).⁸

Ainda no ano de 1915, Oswald tornou-se membro da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, fundada em São Paulo, pelo poeta Olavo Bilac.

Em termos literários, o ano de 1916 mostrou-se muito produtivo na trajetória de Oswald. Foi nesse ano que o escritor publicou, pela primeira vez, uma parte de sua peça *Mon Coeur Balance*, obra escrita durante sua viagem à Europa. Logo em seguida lançou, com Guilherme de Almeida, em um único volume, *Mon Coeur Balance e Leur Âme*, pela tipografia parisiense Asbahr. Publicou também trechos de *Memórias Sentimentais de João Miramar* nas revistas *A Cigarra* e *A Vida Moderna*, romance que só apareceria em sua forma final no ano de 1924. Ainda em 1916, recebeu o convite, de Valente de Andrade, para fazer parte do *Jornal do Comércio*, edição de São Paulo, e, em novembro, começou a trabalhar como redator, atividade à qual dedicou-se regularmente de 1916 a 1922.

⁸ No prefácio de *Serafim Ponte Grande*, de 1933, Oswald afirmou, ao se referir aos anos de 1915-16, que “[...] andava comigo pra cá e pra lá, tresnoitado e escrofuloso, Guilherme de Almeida – quem diria? – a futura Marquesa de Santos do Pedro I navio! O anarquismo da minha formação foi incorporado à estupidez letrada da semicolônia. Frequentei do repulsivo Goulart de Andrade ao glabro João do Rio, do bundudo Martins Fontes ao bestalhão Graça Aranha. Embarquei, sem dificuldade, na ala molhada das letras, onde esfusiava gordamente Emílio de Menezes. A situação ‘revolucionária’ desta bosta mental sul-americana, apresentava-se assim: o contrário do ‘burguês’ não era o proletário – era o boêmio! As massas, ignoradas no território e como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Intelectuais brincando de roda. De vez em quando davam tiros entre rimas [...]” (ANDRADE, 1988, p. 131-132).

Oswald iniciou os anos 20 à frente de uma herança, deixada por seu pai, falecido em 1919, da qual ele passou a usufruir. Entre 1922 e 1929, Oswald teve residência em Paris, ao lado da pintora Tarsila do Amaral. “Enquanto Tarsila frequentava cursos e fazia estágios nos famosos ateliês, Oswald circulava entre os escritores da vanguarda parisiense arregimentando munição para reescrever o *Miramar* e elaborar o *Serafim*” (BOAVENTURA, 1995, p. 83).

Segundo Boaventura, “Oswald, além de liderar o Modernismo, foi um homem atarefado, viajando inúmeras vezes à Europa, a trabalho, para contato com banqueiros e negociantes. Proprietário da Fazenda Santa Teresa do Alto, negociava basicamente com imóveis e café” (BOAVENTURA, 1995, p. 75).

Em relação ao mundo literário, seu contato ampliou-se. No Rio de Janeiro, frequentou a roda de Emílio de Menezes, João do Rio, Alberto de Oliveira, Élio Pontes, Olegário Mariano, Luís Edmundo, Olavo Bilac, Oscar Lopes, dentre outros. Seu prestígio lhe conferiu a possibilidade de fazer várias leituras de suas peças em diversos salões, em São Paulo, na Sociedade dos Homens de Letras, no Rio de Janeiro, e na redação da revista *A Cigarra*.

Como jornalista e “homem de letras”, Oswald ainda atuou no *Jornal do Comércio*, a partir de 1917, com a coluna “Feira das quintas”; em 1918, na revista *A Gazeta*; em 1920, editou a revista *Papel e Tinta*, escrevendo os editoriais com Menotti del Picchia; participou, como colaborador, do *Correio Paulistano*, entre 1921 e 1924; fez parte da revista *Klaxon*, em 1922; em 1928, publicou o *Manifesto Antropófago* e ajudou a fundar a *Revista de Antropofagia* (1928-29); em 1931, fundou, com Queiroz Lima e Pagu (Patrícia Galvão), o jornal *O Homem do Povo* e ingressou nas fileiras do Partido Comunista Brasileiro, filiado até o ano de 1945.

Referente às suas atividades literárias, a década de 1920 foi o momento da estreia significativa de Oswald. Em 1922, ano em que teve lugar a Semana de Arte Moderna, Oswald iniciou a publicação do romance *Os Condenados*, primeira parte da trilogia que, em 1941, ele denominaria com título homônimo.

Segundo Mário da Silva Brito,

(...) este romance é o primeiro volume da *Trilogia do Exílio*, a ser completada pelos tomos *A Estrela do Absinto* e *A Escada de Jacó*. Publicando *A Estrela do Absinto*, em 1927, o autor dá nova denominação ao tríptico. Chama-o agora *Os Romances do Exílio*, e *A Escada de Jacó* é anunciada simplesmente como *A Escada*, obra que edita, no

entanto, em 1934, sob o nome de *A Escada Vermelha*. (...) Em 1941, Oswald relança esses três livros num só volume, com o título genérico de *Os Condenados*, e ao que tinha primitivamente essa denominação, passa a chamar agora *Alma*, mantendo o nome de *A Estrela do Absinto* e retirando de *A Escada* o qualificativo da primeira edição (BRITO, 1978, p. xvi-xvii).

No ano de 1923, Oswald reescreveu parte do romance *Memórias sentimentais de João Miramar*, que teve publicação no ano seguinte, com capa de Tarsila do Amaral, apesar de, como já referido, a obra ter tido partes publicadas já em 1919. Em 1925, Oswald publicou, pela editora parisiense *Au Sans Pariel*, o livro de poesia *Pau-Brasil*. Ainda nesse ano, candidatou-se, com um pronunciamento polêmico, feito por meio de uma carta aberta, à Academia Brasileira de Letras (ANDRADE, 2009).

As relações estabelecidas entre Oswald e os modernistas mineiros de Cataguases proporcionaram a publicação, em 1927, de trechos do futuro romance *Serafim Ponte Grande*, obra que veio a público definitivamente em 1933. Tais fragmentos apareceram pela primeira vez na revista *Verde*, produzida pelo grupo mineiro. Naquele mesmo ano, o escritor também lançou a obra *Primeiro caderno de poesia de Oswald de Andrade*.

Representações da violência, da pobreza e da resistência cotidianas nos poemas de Oswald de Andrade

De acordo com o crítico Haroldo de Campo, em texto escrito em 1965, se quisermos entender “de um modo significativo a poesia de Oswald de Andrade no panorama de nosso Modernismo, diremos que esta poesia responde a uma poética da radicalidade”.⁹

Para o crítico,

(...) a radicalidade da poesia oswaldiana se afere, portanto, no campo específico da linguagem, na medida em que esta poesia afeta, na raiz, aquela consciência prática, real, que é a linguagem. Sendo a linguagem, como consciência, um produto social, um produto do homem como ser em relação, é bom que situemos a empresa oswaldiana no quadro do seu tempo (CAMPOS, 1990, p. 7).

⁹ CAMPOS, Haroldo de. 1990, p. 7. Vale ressaltar que Haroldo de Campos faz parte de um grupo de intelectuais situados na década de 1960 que foi responsável pela reabilitação de Oswald de Andrade no campo da literatura brasileira. Em que pese a importância de seus estudos nesse período – e posteriormente –, não podemos deixar de notar que sua leitura, principalmente nesse texto, é extremamente elogiosa e benevolente com o escritor e com a sua importância para a cultura brasileira. Para um contraponto com esse modo de reler os feitos positivos dos principais artífices do modernismo brasileiro, da Semana de Arte Moderna e de suas relações com as oligarquias cafeicultoras paulistas, ver “O modernismo paulista e sua visão racista do país” (entrevista com Carlos Berriel), no *Blog GGN* <http://jornalggn.com.br/blog/o-modernismo-paulista-e-sua-visao-racista-do-pais> (Acessado 18 abr. 2017).

No momento de sua aparição, e ainda segundo Campos, a “linguagem literária” funcionava “como um jargão de casta, um diploma de nobiliarquia intelectual” (CAMPOS, 1990, p. 8).

Rui Barbosa, “a águia de Haia”; Coelho Neto, “o último heleno”; Olavo Bilac, “o príncipe dos poetas”, eram deuses incontestes de um Olimpo oficial do qual o Pégaso parnasiano arrastava seu pesado caparazão metrificante e a riqueza vocabular (entendida num sentido meramente cumulativo) era uma espécie de termômetro da consciência “ilustrada” (CAMPOS, 1990, p. 8).

Como é de se supor, seria contra esse panorama das letras brasileiras que iria se insurgir o escritor Oswald de Andrade. Inicialmente com a sua participação na Semana de Arte Moderna, em 1922, em seguida com a publicação de seu primeiro manifesto sobre a *Poesia Pau-Brasil* e, por fim, com o livro de poesias como uma espécie de corolário das propostas feitas neste.

Vale destacar que o *Manifesto* foi publicado no jornal carioca *Correio da Manhã*, que, segundo Marialva Barbosa, carregava um forte cunho político. Para a pesquisadora, em contraponto a *O Jornal*, que ao final da década de 1920 possuía 25 mil assinantes e vendia 35 mil exemplares nas bancas,

(...) o periódico de maior prestígio político é o *Correio da Manhã*, sobretudo pelo seu estilo combativo. *O Jornal*, na visão dos jornalistas, é um jornal de informação, enquanto o *Correio* é panfletário. A linha do *Correio da Manhã* era desabrida, com xingamentos. Já *O Jornal* era um jornal de informação, com uma série de colaboradores importantes, uma informação pesada, com uma linha de orientação não conservadora, mas equilibrada (BARBOSA, 2007, p. 88).

Impresso no ano de 1925 pela *Au Sans Pariel* de Paris, e ilustrado por Tarsila do Amaral, *Pau-Brasil* foi caracterizado, em prefácio de Paulo Prado, escrito para a sua primeira edição, de “o ovo de Colombo”. “Esse ovo, como dizia um inventor meu amigo, em que ninguém acreditava e acabou enriquecendo o genovês” (PRADO, 1990, p. 57).

Dividido em várias partes, em uma espécie de roteiro que tem por objetivo percorrer toda a nossa história, desde o primeiro contato com os primeiros homens brancos que por aqui desembarcaram até a constituição das nossas cidades modernas, principalmente São Paulo, o livro nos convida a um irreverente e inusitado passeio pela história de nossa formação enquanto povo.¹⁰

¹⁰ As partes foram intituladas como “Por Ocasão da Descoberta do Brasil”, “História do Brasil”, “Poemas da Colonização”, “São Martinho”, “rp 1”, “Carnaval”, “Secretário dos Amantes”, “Postes da Light”, “Roteiro de Minas” e “Lóide Brasileiro”.

“Poemas da Colonização”, que será o nosso foco de análise, traz, como ilustração, um singelo desenho de Tarsila do Amaral. Neste, foi representada uma paisagem bucólica de uma fazenda em que se destacam alguns animais, palmeiras, um casarão e duas figuras humanas.

Em seu poema de abertura, encontramos a temática do comércio de escravos como centro temático. Apresentados como moedas de troca, essa chave de leitura dialoga com a tradição historiográfica tradicional, digamos, que sempre procurou denunciar os maus-tratos e a desumanização dos escravizados (PROENÇA, 2007). Com o título de “A transação” (ANDRADE, 1990, p. 85), nele lemos que

O fazendeiro criara filhos
Escravos escravas
Nos terreiros de pitangas e jabuticabas
Mas um dia trocou
O ouro da carne preta e musculosa
As gabiobas e os coqueiros
Os monjolos e os bois
Por terras imaginárias
Onde nasceria a lavoura verde do café

Na imagem construída, a “carne preta” é comparada ao “ouro”, um elemento muito valorizado nas negociações comerciais. Nesse sentido, ao serem suprimidas as diferenças entre os “escravos escravas” e o metal, tornam-se inexistentes também quaisquer traços de humanidade dos indivíduos por trás dessa operação. Outra questão que chama a atenção é a inserção dos escravos como parte da paisagem “natural” construída pelo poema, como efeito dessa desumanização.

Segundo artigo intitulado “Suspiros e dores: escravidão, piedade e metáfora”, Luiz Arnaut, Valdeci Cunha e Márcio Rodrigues afirmam que a historiografia

(...) produziu uma imagem do escravizado restrito à senzala, preso a correntes e sujeito aos chicotes do feitor. Há alguns anos esse tema foi objeto de profundo debate e por isso novas caracterizações vêm sendo construídas sobre este tema. A instituição passa, portanto, a ser apresentada menos pelos suplícios e correntes, e mais pelas possibilidades de circulação pelo espaço público e pela atuação no comércio. O debate que a re-interpretação provocou, e que adquiriu tons apaixonados e ataques incisivos,¹¹ pode ser considerado como parte da polêmica que

¹¹ Esse debate foi iniciado a partir da publicação do texto “O escravismo brasileiro nas redes do poder: comentário de quatro trabalhos recentes sobre a escravidão colonial”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 133-152. Para saber mais sobre as réplicas, ver: CHALHOUB, S. “Gorender põe etiquetas nos historiadores”. Folha de São Paulo, 24 nov. 1990; GORENDER, J. “Como era bom ser escravo no Brasil”. Folha de São Paulo. (réplica), 15/12/90; LARA, S. “Gorender escraviza a História”. Folha de São Paulo (tréplica), Caderno Letras, jan. 1991.

tem marcado a interpretação da escravidão desde o século XIX (ARNAUT; CUNHA; RODRIGUES, 2008, p. 79).

Mesmo guardando alguns traços de uma leitura que tentou abranger aspectos da resistência dos escravizados em sua relação aos senhores fazendeiros, boa parte dos poemas escritos por Oswald enfatizou a pobreza, a carga de violência e maus-tratos nas representações do cotidiano construídas para o seu livro. Esse aspecto aparece bastante evidenciado, por exemplo, no poema “Negro Fugido” (ANDRADE, 1990, p. 85-86):

O Jerônimo estava numa outra fazenda
Socando pilão na cozinha
Entraram
Grudaram nele
O pilão tombou
Ele tropeçou
E caiu
Montaram nele

A concisão do trabalho com a linguagem também contribui para a sensação de rapidez na movimentação da cena. Muito próximo da composição cinematográfica, a seleção dos verbos e de seus tempos dão ao enredo a dinamicidade de uma atuação, possivelmente por parte dos capitães do mato responsáveis por capturar escravos fugidos, em que pouca margem de reação fica sugerida, mesmo ao ficar implícito que o escravo era (ou teria fugido) de outra fazenda. Contemporaneamente, a cena nos lembra uma das várias batidas policiais feitas nas periferias das grandes cidades em que, na grande maioria das vezes, são desrespeitados os direitos básicos dos cidadãos.

Em outro poema, curiosamente nomeado “Cena” (ANDRADE, 1990, p. 87), estabeleceu-se uma relação similar ao do poema anteriormente analisado, somando-se a ele um componente a mais de violência ausente em “Negro Fugido”.

O canivete voou
E o negro comprado na cadeia
Estatelou de costas
E bateu coa cabeça na pedra

Nesta passagem, fica sugerida uma situação de enfrentamento físico, por parte do escravizado, em que o mesmo é apresentado como ator de uma ação contra a supressão de sua liberdade.

Sobre as diversas formas de resistência do escravizado e as maneiras de vida, a própria instituição da escravidão acabou por gerar, proporcionar ou mesmo abrigar algumas possibilidades. Citemos, por exemplo, as fugas, os quilombos, a literatura romântica e o abolicionismo.

Estas ações de resistências dos escravos sensibilizaram uma parcela considerável da opinião pública que, por isso, motivou a produção literária e a ensaística procurando, então, minar, moral e socialmente, a escravidão instigando a opinião pública já sensibilizada. A escravidão, de instituição social e legal, foi deslocada e apresentada como uma prática desumana e imoral. A denúncia e o combate ao escravismo eram feitos através da produção e da divulgação de uma nova representação acerca da escravidão, do escravizado, do escravocrata e do escravismo (ARNAUT; CUNHA; RODRIGUES, 2008, p. 79).

Outros três poemas sugerem formas de resistência dos escravizados nos ambientes de convivência no cotidiano da vida. Em “O Capoeira” (ANDRADE, 1990, p. 87), vemos novamente o enfrentamento físico como uma prática que envolve um personagem, possivelmente um escravizado, e um soldado.

– Qué apanhá sordado?
– O quê?
– Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada

A cena parece ter ocorrido em um espaço urbano, por se passar em um local onde se acha presente uma “calçada”. A imagem nos remete a litografia feita por Johann Moritz Rugendas, datada de 1835, intitulada “Jogar capoeira ou danse de la guerre” (RUGENDAS, 2017), em que dois negros são mostrados em situação de combate, sendo cercados por outros que também participam do evento, seja tocando um instrumento de percussão, assistindo ou mesmo dançando. Curiosamente, Oswald insere um soldado em sua construção que, ao ser provocado pelo “capoeira”, reage e inicia uma luta com ele.

Segundo Matthias Röhrig Assunção, em “Capoeira, arte crioula”:

No Brasil, as primeiras fontes a mencionar a capoeira aparecem com a criação da polícia na Corte, em 1808. Escravos africanos e crioulos eram detidos por conduta desordeira nas ruas do Rio. O termo capoeira se referia, então, tanto aos membros dos grupos quanto a prática. Infelizmente as fontes policiais e judiciárias estavam apenas interessadas em reprimir a capoeira e os capoeiras, não a descrever a prática (ASSUNÇÃO, 2012)

Em “Medo da Senhora” (ANDRADE, 1990, p. 87), o poema nos mostra uma situação em que, por medo do futuro, ou das possíveis expectativas que ele anunciava no horizonte da vida cotidiana dos escravizados, uma mãe decide-se pela sua própria sorte e a de uma criança recém-nascida.

A escrava pegou a filhinha nascida
Nas costas
E se atirou no Paraíba
Para que a criança não fosse judiada

Segundo a pesquisa realizada por Saulo Veiga Oliveira e Ana Maria Galdini Raimundo Oda, em “O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão”, “ainda que se afirme serem muitos os casos de suicídios entre escravos, esse não é um ponto estudado detalhadamente” (OLIVEIRA; ODA, 2008, p. 372).

Os relatos de vários estrangeiros que observaram a escravidão no Brasil do século XIX mencionam que o suicídio era prática muito comum dos escravos. As mortes voluntárias entre os cativos são descritas tanto na forma passiva de recusar alimento e deixar-se morrer de tristeza, como no banzo, quanto na forma ativa – por enforcamento, afogamento, uso de armas brancas etc (OLIVEIRA; ODA, 2008, p. 372).

Nesse sentido, não há como deixar de observar que, já em 1925, esse tema se fez presente na construção poética de Oswald de Andrade. Vale ressaltar que ainda estamos a alguns anos do início dos estudos sistematizados, ou mesmo interessados, de um ponto de vista acadêmico, sobre a questão negra no Brasil. Segundo Thomas E. Skidmore, em seu livro *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, “até 1930, poucos foram os escritores que, curiosos, dedicaram atenção à etnografia e à sociologia dos africanos e de seus descendentes brasileiros” (SKIDMORE, 2012, p. 259). De acordo com a sua pesquisa, raros nomes como o de Sílvio Romero, Nina Rodrigues e João do Rio, com uma “exceção científica” dada ao nome de Edgard Roquette-Pinto, poderiam ser citados até esse período. Observe, aliás, que será apenas no ano de 1933 a publicação do livro *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, um estudo que, segundo Skidmore, “virou de pernas para o ar a afirmação de que várias gerações de miscigenação haviam causado um dano irreparável ao país” (SKIDMORE, 2012, p. 267).

Mais dois poemas confeccionados por Oswald cantam o cotidiano de violência dos anos idos de nosso período colonial. Em “Levante” (ANDRADE, 1990, p. 87), uma cena de enforcamentos nos é relatada como um boato, acompanhado de elementos de um imaginário de temor em relação à morte e o que ela carregaria.

Contam que houve uma porção de enforcados
E as caveiras espetadas nos postes
Da fazenda desabitada
Miavam de noite
No vento do mato

No poema que se segue ao anterior, intitulado “Azorrague” (ANDRADE, 1990, p. 88),¹² a cena narrada, que poderia facilmente anteceder às imagens dos escravizados enforcados, o poeta descreve, sinteticamente, uma situação de espancamento.

– Chega! Peredoal!
Amarrados na escada
A chibata preparava os cortes
Para a salmoura

Novamente, é quase impossível não nos lembrarmos das imagens pintadas por Rugendas ou Jean-Baptiste Debret sobre o cotidiano da vida escrava no Brasil do século XIX. Em cenas que sempre povoaram os nossos livros didáticos, desde os primeiros anos de formação escolar, a presença delas é quase obrigatória quando se quer mostrar, por meio de representações visuais, como se deram os castigos em espaços públicos no contexto do Brasil escravista.

Contudo, na série “Poemas da Colonização” Oswald de Andrade não se ocupou, somente, em retratar o cotidiano de violência, pobreza, desumanização e maus-tratos com os escravizados, mesmo que corresponda à maior parcela dos poemas escritos. Ao mesmo tempo, pudemos perceber que essa seção foi o espaço em que mais destaque foi dado para essa questão em sua construção poética. Se pensarmos nas representações do indígena em todo o conjunto de seu livro, lembrando que este é um dos temas, se não o principal, que envolve as propostas de valorização estética tipicamente brasileira dentro do universo de interesses oswaldiano, nos “Poemas” não há nenhuma menção do índio. Não seria forçoso afirmar, assim, que essa parte do livro foi dedicada, exclusivamente, à representação das relações entre os escravizados e os seus senhores.

¹² Segundo o *Priberam Dicionário* (on line), “Azorrague”, palavra de “origem obscura”, teria os seguintes significados: “1. Açoite de várias correias ou cordas. 2. Látigo ou chicote de couro. 3. [Figurado] Flagelo”. <https://www.priberam.pt/dlpo/azorrague>. Como é muito característico da poética Oswald de Andrade, em que o escritor fazia verdadeiros “ready made”, segundo Haroldo de Campos, com a linguagem, o uso de palavras como esta para nomear o seu poema acaba por ganhar sentido a partir da leitura do mesmo, numa espécie de jogo entre signo e significado em que o contexto é fator principal para a construção de sentido.

Com interesse também em outras possibilidades oferecidas pelo cotidiano da vida nos espaços das fazendas dos “senhores de escravos”, encontramos, por exemplo, uma narrativa que explora, dentro do “espírito *Pau-Brasil*”,¹³ o falar comum, que leva o curioso título de “O Gramático” (ANDRADE, 1990, p. 86).

Os negros discutiam
Que o cavalo sipantou
Mas o que mais sabia
Disse que era
Sipantarrou

Em uma passagem do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, lemos, em consonância com a linguagem apresentada no poema, a necessidade de nos voltarmos “contra o gabinetismo” e nos posicionarmos “a favor da prática culta da vida”. E prossegue: “Engenheiros em vez de juriconsultos, perdidos como chineses na genealogia das ideias. A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos” (ANDRADE *in* TELES, 1987, p. 327).

Vale lembrar, ainda no mesmo sentido, que tanto a construção poética em “O gramático” quanto a passagem citada do *Manifesto* nos remete a outro poema de autoria de Oswald, mas situado na seção intitulada “Postes da Light”, também presente no livro *Poesia Pau-Brasil*, intitulado “Pronominais” (ANDRADE, 1990, p. 120), talvez um dos mais citados e presentes nos livros didáticos e de história da literatura brasileiros.

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

¹³ No *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, Oswald de Andrade afirmou que “a poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos”. Em outra passagem, assim caracterizou o tipo de poesia que propunha: “A poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente” (ANDRADE *in* TELES, 1987, p. 326 e 331).

Em outros dois, podemos perceber o lado *blague* e antropofágico de Oswald de Andrade, que, em meio a tantas cenas fortes que povoaram as suas narrativas nas relações sociais entre escravizados e senhores fazendeiros, termina a série de poemas com um tom carnavalizador.

Em “Relicário” (ANDRADE, 1990, p. 88):

No baile da Corte
Foi o Conde d’Eu quem disse
Pra Dona Benvinda
Que farinha de Suruí
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e caí

E, ao fechar a série, temos “Senhor Feudal” (ANDRADE, 1990, p. 88), no único poema em que essa figura tem alguma voz:

Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia

Nele, podemos perceber uma forte marcação da temporalidade da história do Brasil Império, algo ausente em praticamente todos os outros poemas. A menção a D. Pedro II nos reporta para um período anterior à Abolição da Escravatura servindo-nos de um indício de demarcação do tempo da ação da narrativa. Reconhecer a figura do monarca e o seu lugar na história do Segundo Reinado nos parece, contudo, condição necessária para que a reconstrução proposta por Oswald de Andrade ganhe um tom de comicidade. O tom de *blague* nos parece localizado na inversão de papéis ao percebermos que a suposta fala de ameaça parte de um “senhor feudal” contra uma atitude que seria reprovada em D. Pedro II. Curiosamente, se em todas as construções poéticas de Oswald que analisamos os escravizados aparecem sujeitados (e não sujeitos de si), sem voz e sem parte, nesse último poema o senhor é mostrado com alguém portador de um poder excessivo, que só parece fazer sentido pelo tom cômico. Poderíamos dizer, portanto, que há, nessa forma de representar o poder, uma ridicularização de sua real capacidade de exercício, talvez um outro jeito do escritor denunciar a desumanização do sistema e da sociedade escravistas por ele relido nesse alvorecer dos anos 1920.

Conclusão

Ao percorrermos uma parte dos poemas escritos por Oswald de Andrade publicados em seu livro *Pau-Brasil*, em busca de representações que nos informassem sobre o seu trabalho, no âmbito da criação poético-literária, com o tema da pobreza, da violência e da resistência cotidianas que compõe o nosso imaginário sociocultural, acreditamos ter conseguido iluminar uma faceta pouco explorada pelos estudos sobre o tema ou mesmo sobre a produção intelectual do escritor paulista, principalmente no domínio dos estudos históricos.

Autor de uma considerável produção intelectual, que conta com livros de poesia, romances, uma vasta publicação em vários e diferentes jornais pelo país, dentre outros, mesmo que em alguns períodos da história do país tenha sido relegado a segundo plano ou mesmo “silenciado”, Oswald de Andrade pode ser considerado um escritor de múltiplas e complexas dimensões. Redescoberto, digamos, muito em função da efervescência política e cultural que teve lugar no Brasil nos anos 1960, mesmo hoje não seria equivocado afirmar que uma parte significativa de sua obra ou ideias ainda são desconhecidas, mesmo se considerarmos um perfil de leitor médio.

Ao procedermos a uma investigação focada na poética oswaldiana contida nos “Poemas da Colonização”, foi possível verificar o trabalho de um escritor-intelectual interessado em narrar os vários infortúnios ocorridos nas relações desiguais entre membros de uma elite branca colonial e os escravizados. Violências, maus-tratos, pobreza, desumanização foram alguns dos elementos que conseguimos destacar da leitura dos poemas selecionados. Por outro lado, também foi possível verificar a ausência da figura do indígena em suas construções poéticas, sendo essa questão trabalhada em outras partes do livro ou mesmo pulverizada ao longo dele.

De um ponto de vista da historiografia sobre o tema, foi possível perceber e aproximar a leitura de Oswald de Andrade de narrativas históricas consideradas “tradicionais”, que sempre se ocuparam (e se preocuparam) em demonstrar as relações violentas do trato com os escravizados em uma sociedade, desde a sua formação, marcada pela instituição da escravidão.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. Manifesto da poesia Pau-Brasil. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 326-331.

_____. **Serafim Ponte Grande**. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

_____. **Os dentes do dragão**. São Paulo: Globo, 2009.

ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

ARNAUT, Luiz. **Versar a liberdade, desconstruir a monarquia**: representações políticas nos poemas da campanha republicana na imprensa da corte (1870-1889). 2015. Tese (Doutorado em História e Culturas Políticas). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ARNAUT, Luiz; CUNHA, Valdeci da Silva; RODRIGUES, Márcio dos Santos. “Suspiros e dores”: escravidão, piedade e metáfora. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, vol. VI, ano 3, n. 2, p. 77-95, dez. 2008. Disponível em: <http://www.ichs2.ufop.br/cadernosdehistoria/ojs/index.php/cadernosdehistoria/article/view/118>. Acessado em: 10 out. 2022.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Capoeira, arte crioula. 2012. Disponível em: <http://revues.mshparisnord.org/cultureskairos/index.php?id=541>. Acesso em: 12 out. 2022.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. **O salão e a selva**: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade. Campinas, SP: UNICAMP; São Paulo: Ex Libris, 1995.

BRITO, Mário da Silva. O aluno do romance Oswald de Andrade. In: ANDRADE, Oswald de. **Os condenados**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Ed. da UNESP, 1990.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 17-48.

CHALMERS, Vera. Oswald de Andrade n’O *Pirralho*. Campinas, **Remate de Males**, v. 33, n. 1-2, p. 91-111, 2013. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/4027>. Acessado em: 10 out. 2022.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Oswald**: itinerário de um homem sem profissão. Campinas: UNICAMP, 1989.

FONSECA. **Oswald de Andrade**: biografia. São Paulo: Art Editora, Secretaria do Estado, 1990.

FURTADO, Júnia Ferreira. Novas tendências da historiografia sobre Minas Gerais no período colonial. **Revista História da Historiografia**, n. 2, p. 116-162, mar. 2009. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/11>. Acessado em: 08 out. 2022.

OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão. Rio de Janeiro, **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.15, n.2, p. 371-388, abr./jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000200008. Acessado em: 10 out. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acessado em: 10 out. 2022.

PROENÇA, Wander de Lara. Escravidão no Brasil: Debates historiográficos contemporâneos. XXIV SEMANA DE HISTÓRIA: PENSANDO O BRASIL NO CENTENÁRIO DE CAIO PRADO JÚNIOR, 2007, Assis, **Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: “Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior”**. Assis: UNESP (Campus Assis), 2017. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/#!/pos-graduacao/cursos/historia/eventos/xxix-semana-de-historia/2007/anais-xxiv-semana-de-historia-2007/>. Acesso em: 10 out. 2022.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

RUDENDAS, Johann Moritz. Jogar Capoeira. **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24907/jogar-capoeira>. Acesso em: 18 de out. 2022.

SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.